

The background of the cover is a vibrant red. Overlaid on this are black ink sketches. On the right side, there is a detailed sketch of a multi-story building with a grid of windows. On the left and top, there are looser, more gestural sketches of trees and foliage. The text is printed in a large, white, serif font, centered vertically and horizontally.

BOLETIM
INFORMATIVO
DA
BIBLIOTECA
CENTRAL
DO
INSTITUTO
TECNOLÓGICO
DE
AERONÁUTICA

INDEPENDÊNCIA E DESENVOLVIMENTO

Prof. Victor Valla
Instituto Tecnológico
de Aeronáutica

A data de 7 de setembro de 1822 é simbólica no Brasil porque representa um ponto de partida de um caminho que tem como destino a independência política e econômica da nação brasileira. Se encararmos a independência do Brasil desta maneira, então é claro que a declaração de independência brasileira não foi uma consolidação, mas, muito mais, o início de uma procura.

Pesquisas históricas de autores nacionais e estrangeiros mostram que os brasileiros têm procurado a independência do Brasil e não, apenas motivo de regozijo da sua plena existência através dos 150 anos decorridos. Existe material documentário suficiente para comprovar esta idéia, e mesmo que os exemplos

que se seguem não sejam suficientes; em si mesmos, para demonstrar o ponto, pelo menos dão uma idéia das dificuldades que os brasileiros têm enfrentado para alcançar a independência política e econômica.

Se aceitarmos a idéia do Presidente Artur Bernardes de que a independência política só é possível se existir a independência econômica, então é necessário estudar a nação brasileira em busca da conquista desta independência econômica.

Pouco menos de 30 anos depois da data da independência do Brasil, o governo imperial já se achava na obrigação de utilizar 40% da receita nacional a fim de pagar os juros das dívidas contraídas. (1) Em 1898, a fim de evitar a bancarrota, o governo brasileiro recorreu ao London and River Plate Bank para um empréstimo, cujas condições, no fim, resultaram numa ampla liberdade dos banqueiros ingleses em controlar as finanças brasileiras. (2)

Outros exemplos do fato de que o Brasil andava em busca da sua independência e não a tinha alcançado eram abundantes durante o início do século XX. Em 1901, quase 80% da exportação brasileira era composta de café e borracha, um fato que mostrou que as esperanças da economia brasileira estavam na monocultura, isto é, na produção e exportação de gêneros tropicais. (3) Mas que esta situação era favorável para o Brasil foi contestada pelo próprio Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo quando declarou:

"É incontestável que, apesar de toda a nossa extraordinária capacidade produtora, somos de uma fraqueza e debilidade de extremas no mercado do café. A organização actual do commercio deste - producto nos colloca a mercê dos especuladores".

"São elles que fazem o preço do nosso producto com a segurança de larga margem garantida para seus taes preços, em bora elles mal remunerem o custo da - produção". (4)

Das 15, 6 milhões sacas de café exportadas do Brasil em 1907, mais de 12 milhões foram transporta

das em navios ingleses e alemães. (5) Um quadro de tal natureza levou o Dr. João Pandiá Calógeras a declarar, em 1912, que "Ser paiz forte e independente, importa - em cousa mais alta do que produzir gêneros coloniais - cacao, café, assucar, borracha, fumo - que alimentam o consumo voluptuario e não necessidades essenciaes da vida". (6) Em 1915, como Ministro da Fazenda, o Dr. Calógeras reiterou sua posição quando falou que uma economia que exportava dois productos "... que representam 85% da... exportação" não podia prometer um progresso constante para o país. (7)

A monocultura do café dominava tanto, na vida econômica do país, que até a própria agricultura - sentiu os seus efeitos. O Dr. Rivadavia da Cunha Correa, Ministro da Fazenda em 1914, observou que "É inexplicavel... que, num paiz que se diz essencialmente agrícola, se tenha de importar a altos preços artigos como o milho, o trigo, a batata, a cebola... que podem ser produzidos a preços baixos". (8)

Foi durante a 1a. Grande Guerra que o governo brasileiro começou a realmente perceber como a economia brasileira dependia no mundo exterior. No seu relatório anual, o Ministério da Fazenda declarou que a "... guerra europeia... muito contribuiu para a retracção do nosso intercambio, restringindo com a desorganização do credito e as irregularidades do transporte, as possibilidades de exportarmos o que tinhamos em stock" (9) A consciência dos problemas inerentes na economia brasileira levou o mesmo Ministério a admitir logo depois da guerra que "No actual momento historico cada povo tem de contar com as próprias forças, se quiser afirmar a sua autonomia no convívio das nações". (10)

A época da 1a. Grande Guerra testemunhou - um certo despertar da parte de vários brasileiros de destaque, entre eles, Oliveira Lima, Dunshee de Abrantes e Alberto Torres.

Todos estes chamavam a atenção pública para o fato de que o Brasil era um país dependente no mundo exterior e que precisava traçar seu futuro em função das suas necessidades e não de outras nações. Barbosa Lima Sobrinho captou bem o espírito de Alberto Torres quando escreveu que "o erro e a imprudência estariam em importar realidades e soluções estranhas, em

adotar modelos que não nos pertencessem, nem se ajustassem às nossas peculiaridades nacionais". (11) A Revista do Brasil, uma das vozes liderantes do movimento nacionalista durante a guerra, declarou em 1916 que "Ainda não somos uma nação que se conheça, que se estime, que se baste, ou com mais acerto, somos uma nação que ainda não teve o ânimo de romper sozinha para a frente, numa projeção vigorosa e fulgurante de sua personalidade". (12)

Mas os interesses da monocultura eram fortes e as tentativas de implantar uma indústria nacional no Brasil foram fortemente contestadas, quer pela lavoura, quer pelos intermediários, quer pela própria população consumidora. A lavoura temia que as tarifas protecionistas prejudicassem as vendas de café para aqueles países que exportavam produtos manufaturados para o Brasil; os intermediários previam que a industrialização acabaria com suas comissões na venda das importações, enquanto a população reagia aos preços altos dos produtos inferiores de uma indústria incipiente. (13)

Quando em 1928 o governo norte-americano começou a diversificar sua importação de café da América Latina a fim de forçar uma baixa nos preços, o Embaixador brasileiro nos Estados Unidos declarou que "o Brasil não deve permitir que haja uma diminuição sequer, de uma xícara de café nos Estados Unidos... A perda gradual deste mercado traria consequências desastrosas para o Brasil". (14)

O exemplo mostra claramente a grande atenção que o Brasil dava à monocultura de café que era responsável por quase 70% do café importado pelos Estados Unidos, na época. (15)

É fácil perceber, mesmo através dos poucos exemplos acima mencionados, que a herança do passado pesa nas decisões do presente. As grandes dívidas contraídas e uma economia de monocultura, de certo modo, faziam que o Brasil permanecesse dependente no mundo exterior. No mesmo modo de pensar, então seria legítimo observar que todo este processo de monocultura no Brasil deixou pouco lugar para um desenvolvimento próprio na área da pesquisa científica e tecnológica. A grande participação do estrangeiro na implantação da

industrialização no Brasil era nada mais do que um reflexo deste processo de monocultura que dominava quase todos os setores da vida brasileira até as décadas de 1930-1940. Pouca chance houve antes desta época de tentar desenvolver uma pesquisa voltada para as necessidades da população brasileira.

Atualmente, segundo os estudos da Organização das Nações Unidas e da Organização dos Estados Americanos, a independência nacional é equacionada com desenvolvimento econômico. Estes órgãos definem o desenvolvimento econômico como sendo composto de três fatores básicos: o progresso de uma ciência e tecnologia própria, o crescimento econômico constante, e a distribuição simultânea dos benefícios destes dois primeiros fatores pela população inteira. (16)

A ONU deixa implícita que a herança do passado nos países em desenvolvimento tem sido responsável pelo fato de que 98% da pesquisa científica e tecnológica no mundo não socialista está sendo feita nos países desenvolvidos. (17) Destes 98%, mais da metade vem sendo dedicada aos assuntos de defesa e exploração espacial - um fato que mostra claramente que os países em desenvolvimento, para realmente alcançarem uma independência plena, precisam desenvolver sua própria pesquisa científica e tecnológica, pois a direção que a pesquisa vem tomando nos países desenvolvidos tem pouco a ver com as necessidades das populações nos países em desenvolvimento.

Decorrente destes fatos é a conclusão que o Centro Técnico Aeroespacial tem um papel preponderante no processo de desenvolver uma pesquisa científica e tecnológica que esteja relacionada com as necessidades da população brasileira, a satisfação das quais é o requisito mais importante do desenvolvimento econômico.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. VALLA, Victor - Reflexos do mundo na História do Brasil. São José dos Campos /s.C.p./ 1968, p.19.

2. BELLO, José Maria - História da República. 5. ed. São Paulo, Nacional, 1964. p.197.
3. BRASIL. Ministério da Fazenda - Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro do Estado dos Negócios da Fazenda Dr. David Campista no anno de 1909, 21ª da República. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1909. p.XVII.
4. SÃO PAULO. Secretaria dos Negocios da Agricultura: Comercio e Obras Publicas - Relatório apresentado ao Dr. Domingos Corrêa de Moraes, Vice-Presidente do Estado pelo Dr. Antonio Candido Rodrigues, Secretario da Agricultura, Anno de - 1901. São Paulo, Typographia do "Diario Official", 1902. p.53.
5. BRASIL. Ministério da Fazenda - Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro do Estado dos Negócios da Fazenda, Dr. David Campista no anno de 1908, 20ª da República. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1908. p.67.
BRASIL. Ministério da Fazenda - Importação e exportação, movimento marítimo, cambial e do café da República dos Estados Unidos do Brasil em - 1909. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1909. (Serviço de Estatística Commercial)
6. "apud", SIMONSEN, Roberto - Aspectos da Política - Econômica Nacional. São Paulo, Empresa Graphica da Revista dos Tribunais, 1935. p.1.
7. BRASIL. Ministério da Fazenda - Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Dr. Joao Pandia Calógeras, - Ministro do Estado dos Negocios da Fazenda no anno de 1915, 27ª da República, Vol.I. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1915. p.711.

8. BRASIL. Ministério da Fazenda - Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado dos Negócios da Fazenda Dr. Rivadavia da Cunha Correa - no anno de 1914, 27º da República, Vol.I. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1914. p.VIII.
9. Relatório do Dr. João Pandiá Calógeras, op. cit.
10. BRASIL. Ministério da Fazenda - Relatório apresentado ao Vice-Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil em exercicio pelo Ministro de Estado dos Negocios da Fazenda Joao Ribeiro de Oliveira e Souza no anno de 1919, 31º da República. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1919. p.V.
11. LIMA, Barbosa Sobrinho - Presença de Alberto Torres: sua vida e pensamento. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968. p.316.
12. Ibidem, p.475.
13. LUZ, Nícia Vilella - A luta pela industrialização do Brasil. São Paulo, Difusao Europeia do Livro, 1961.
14. BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Arquivo Histórico de Itamarati - Missões Diplomáticas Brasileiras, Officios, Washington, 235/1/5, nº 144, 7/03/1929.
15. BRASIL. Ministério da Agricultura. Industria e Comercio - Relatório apresentado ao Dr. Geminiano Lyra Castro, Ministro da Agricultura, Industria e Comercio por Arthur Torres Filho, Director do Serviço de Inspeção e Fomento Agrícolas. Anno de 1926. Rio de Janeiro Officina Graphica de - Villas Boas, 1927. p.22/23.

16. DEPARTMENT of ECONOMIC and SOCIAL AFFAIRS - Science and technology for development, proposals for the Second United Nations Development Decade, United Nations, New York, 1970.

SEGASTI, Francisco, Towards a methodology for - planning science and technology in under developed countries, an interim report to the Organization of American States, Washington, May, 1971.

17. SCIENCE and TECHNOLOGY for DEVELOPMENT, *op. cit.*